

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

ILUSTRADA
COM CÊRCA DE
15.000 GRAVURAS



VOLUME I

EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LIMITADA
LISBOA RIO DE JANEIRO

dente até 33° Cartier, da que fôsse superior a esta força, sem se atender à natureza da matéria prima ou à forma de acondicionamento. Finalmente, o terceiro período inicia-se com a publicação da pauta de 1871, distinguindo-se a aguardente simples da preparada, e, em qualquer dos casos, atendendo-se ao seu acondicionamento, hoje em vasilhas de capacidade não superior a dois litros ou em vasilhas não especificadas. Estas classificações são feitas para a correspondência de taxas desiguais, sendo mais elevadas as que dizem respeito à aguardente preparada e, em relação à forma de acondicionamento, as que se referem a aquelas aguardentes que se apresentam a despacho em vasilhas não especificadas.

As taxas em questão são fortemente protectoras do nosso alcool e aguardente simples, isto é, das misturas hidro-alcoólicas.

Ultimamente estabeleceu-se a proibição normal de importação de alcool ou aguardente não engarrafada, tendo em vista esta medida fiscal proteger o nosso alcool vínico cuja produção é considerável, entendendo-se, portanto, que não há necessidade de o importar a não ser engarrafado, cabendo-lhe então taxas pautais pesadas.

A aguardente procedente do arquipélago da Madeira e expedida para o Continente da República ou para os Açores está sujeita a regime especial de importação, devendo direitos.

A aguardente simples de produção das colónias portuguesas faz excepção às mercadorias da mesma produção, que geralmente pagam, nas Alfândegas do Continente da República e Ilhas Adjacentes, metade dos direitos a que estão sujeitas as similares estrangeiras, não gozando de tal beneficio.

O regime sacarino da Madeira tem sofrido várias remodelações, visando muito especialmente dar um golpe fundo no fabrico ilegal e no exagerado consumo da aguardente, por necessidades de ordem moral e de ordem social. Por isso a cultura da cana, naquele arquipélago, é limitada à que for indispensável para o açúcar consumido na Madeira e suplementarmente para o alcool e aguardente que tenham consumo no próprio arquipélago.

Em Portugal é permitida a exportação de aguardentes vínicas preparadas ou não, desde que a sua gradação alcoólica não seja superior a 78,2 graus centesimais; as aguardentes agrícolas preparadas ou não, também podem ser exportadas, desde que a sua gradação alcoólica não seja superior a 60 graus centesimais e quando no respectivo vasilhame seja indicada a sua proveniência (de bagaço, de figo, de medronho, etc.).

AGUARDENTE ALEMÃ. FARM. Tintura de jalapa composta. Contém jalapa, turbite vegetal e escamónea em alcool a 65°. É um drástico frequentemente usado e muito enérgico.

AGUARDENTE ÇANFORADA. FARM. Nome dado à tintura de cânfora ou alcoolito de cânfora.

AGUARDENTEIRO, s. m. Aquêlle que fabrica ou vende aguardente. ♦ Bebedor de aguardente.

AGUARDENTIA, s. f. Chul. Embriaguês provocada pela aguardente. ♦ Visagens do êbrio.

AGUARDENTOSO, adj. Que cheira ou sabe a aguardente; aguardentado.

AGUARDILHA. Lugar da freg. de Ponte, conc. e com. de Guimarães.

AGUARDO, s. m. Prov. alent. Sítio onde o caçador espera a caça. (De *aguardar*).

ÁGUA REDONDA. Lugar da freg. de Refoios de Basto, conc. e com. de Cabeceiras de Basto.

AGUA RÉGIA. QUÍM. É uma mistura de ácido clorídrico e ácido azótico. Dissolve o ouro e a platina, metais que não são atacados por qualquer daqueles ácidos, actuando separadamente. É em virtude de dissolver o ouro (o rei dos metais), que ela deve o seu nome.

Para pôr em evidencia a acção da água régia, tomam-se dois balões, contendo cada um uma fôlha de ouro; num dêles introduz-se um pouco de ácido azótico; no outro ácido clorídrico; o metal conserva-se inalterado. Pode mesmo levar-se qualquer dos balões ao aquecimento sem que o ataque se produza. Se, porém, se misturam os conteúdos dos dois balões, vasando num o conteúdo do outro, vê-se que o ouro desaparece rapidamente. Esta propriedade especial da água régia é devida a que, por acção do calor, a mistura dos ácidos nítrico e clorídrico forma cloro nascente e cloreto de nitrosilo ou ácido cloronitroso. $\text{NO}_3 \text{H} + 3 \text{ClH} = 2\text{OH}_2 + \text{Cl} + 2 \text{ClNO}$

Estes corpos atacam os metais nobres, que se transformam em cloretos. É idêntica a acção da água régia sobre os outros metais. Fazem excepção o volfrâmio, que se transforma em anidrido volfrâmico, da fórmula WO_3 e o arsénio, que passa a ácido arsénico, As_2O_5 .

Alguns autores explicam a acção excepcionalmente enérgica da água régia pela formação de cloro e peróxido de azoto: $\text{NO}_3 \text{H} + \text{ClH} = \text{NO}_2 + \text{Cl} + \text{OH}_2$.

A água régia empregada na indústria prepara-se misturando 1 volume de ácido nítrico a 35° Beaumé, com 4 vol. de ácido clorídrico a 22° B. Estas proporções variam, contudo, segundo o fim a que se destina a água régia preparada.

Os antigos obtinham-na dissolvendo cloreto de amónio em ácido azótico

AGUAREIRA, s. f. Açor. Espécie de gaivota.

AGUARELA, s. f. Pintura a côres com tintas diluídas em água: «Por toda a parte, assuntos para *aguarelas*, carvões ou instantâneos a lápis». Antero de Figueiredo, *Toledo*, p. 31. ♦ Antigamente dizia-se *aguarelha*. ♦ Lavadura de gesso móido e cola de baldeu: «Com a cola fazei uma lavadura ou *aguarelha*», Nunes, *Arte da Pintura*, p. 55, v. (Do it. *acquarella*).

B. ARTES. Método de pintura em que se empregam tintas transparentes, solúveis em água, que não velam o fundo, cuja brancura se aproveita para conseguir os tons claros. Para a aguarela empregam-se papéis especiais, finos ou de grão, pergaminho, sêda, marfim, etc. As tintas são vegetais ou minerais, fabricando a indústria moderna quasi exclusivamente estas últimas numa grande variedade de tons.

O uso da aguarela data da mais remota antiguidade, tendo-a empregado os egípcios nas suas pinturas murais.

Desde muitos séculos também que a história da aguarela anda ligada à da *miniatura* e *iluminura* (V. estas palavras). Plínio diz que os médicos gregos Crátenes, Dionísio e Metradoro e os romanos, Marco Varrão nos seus *Livros de Imagens*, um dos quais continha 700 retratos, e Séneca no seu tratado *De tranquillitate animae*, acompanharam os textos com imagens e desenhos.

O primeiro volume existente que se conhece com vinhetas é o *Virgilio*, da Bibl. do Vaticano, que se afirma ser do IV século.

Nos seis primeiros séculos da Igreja não se conhecem vinhetas. Só aparecem mais tarde, em fim do século VIII acompanhando o renascimento das artes.

O século de S. Luiz (XIII) marca uma época bri-

lhante da aguarela em França irradiando dali para toda a Europa.

No entanto, os verdadeiros progressos desta arte que se elevou a ponto de competir com o óleo são de data relativamente recente. Foi a Inglaterra o berço da aguarela moderna, no século XVIII, conservando até hoje a hegemonia neste ramo de arte.

◆ **Aguarela e aguarelistas portugueses:** Em Portugal tem sido sempre cultivada a aguarela desde que os artistas, em tempos de D. João V, começaram saindo para os grandes centros da cultura artística. Domingos António de Sequeira trabalhou muito com tinta de água, nos seus inimitáveis estudos a sépia e a nanquim. Pedro Alexandrino deixou esboços dos seus tetos e trabalhos decorativos em aguarela tratada com mestria. Muitos outros, nos séculos XVIII e XIX foram notáveis aguarelistas, embora não fosse a aguarela o género do-

da personalidade e domínio técnico. Alves de Sá pode considerar-se uma figura de excepção pela sua técnica poderosa animada de um vasto sôpro poético. Alfredo de Morais, Carlos Carneiro, Hebe Gomes, Pedro Guedes, Tertuliano Marques, outros mais, têm a seu cargo, e de seus discípulos, o conservar a tradição da aguarela portuguesa.

AGUARELADO, *adj.* Lavado ou banhado com aguarelas, feito com aguarelas: «Luciano desprendera da parede e colocara na larga mesa de trabalho um caixilho envidraçado que continha a planta *aguarelada* do côro gótico de Afonso IV...», Manuel Ribeiro, *A Catedral*, ed. esp., p. 68. (De *aguarelar*).

AGUARELAR, *v. t.* Pintar a aguarela.

AGUARELISTA, *s. m.* Aquêl que pinta aguarelas.

AGUARENTADO, *adj.* Cerceado, aparado, cortado ao redor; diminuído, apoucado.



Uma pitoresca vista geral de Água Retorta (Ilha de S. Miguel-Açôres)

minante. Mais tarde, a vinda a Portugal do excelente aguarelista espanhol Casanova, que aqui fixou residência, fez ressurgir o gôsto pela aguarela. O rei D. Carlos e a rainha D. Amélia, recebendo lições do artista espanhol, produziram aguarelas graciosas e finíssimas. Columbano deixou aguarelas em que a sua «garra» de pintor genial se reconhece fâcilmente. Manuel de Macedo, Condeixa, etc., foram aguarelistas curiosos. Mestre António Carneiro cultivou a aguarela com amplitude e segurança. Depois foi a grande revelação de Roque Gameiro, figura culminante da aguarela portuguesa, em roda da qual surgiu uma imensa plíade de artistas ilustres no género, quási todos discípulos directos do mestre, todos seguindo as revelações da sua poderosa técnica; suas filhas Raquel Gameiro Ottolini, Helena Gameiro Leitão de Barros, Mamia Gameiro Barata, José Leitão de Barros, Martins Barata, Paulino Montez, Cottineli Telmo, etc. Alberto de Sousa é outro aguarelista de vinca-

AGUARENTADOR, *s. m.* Aquêl que aguarenta; detractor.

AGUARENTAR, *v. t.* Aparar a saia do vestido, a roda do capote, ou a extremidade de qualquer outra peça do vestuário, para que fique de igual altura em toda a volta. ◆ *Aguarentar* as rendas: reduzi-las. ◆ *Murmurar* de; desacreditar; amesquinhar. ◆ *Poupar*, economizar.

ÁGUA RETORTA. Povoação e freguesia da Senhora da Penha de França, conc. e com. de Povoação, dist. adm. de Ponta Delgada, dioc. de Angra do Heroísmo, rel. de Lisboa, Ilha de S. Miguel, Açôres. Pertence ao governo militar dos Açôres e ao 24.º distrito de recr. e res. com sede em Ponta Delgada. Fica a 12 km. da sede do conc. e o seu nome provém da rib. de Água Retorta que a atravessa. Esta chama-se assim pelas muitas curvas que descreve no seu curso até o mar. A primeira igreja, de invocação de Nossa Senhora da Penha de França' foi fundada pelo capitão Pedro Barbosa da Silva. Tem